

A POESIA DO REI D. DINIS: UMA PROPOSTA DIDÁTICA EM E-LEARNING

Isabel Barros Dias
Isabel.Dias@uab.pt

O período medieval é, na atualidade, objeto, simultaneamente, de rejeição e de fascínio. Por um lado, é comum apelidar de “medieval” toda e qualquer ideia ou ação que se considere retrógrada. É ainda neste período temporal que são projetadas algumas ideias feitas, como a de ter sido um período de trevas, quando, na realidade, se há elemento que foi valorizado na Idade Média, foi a luz e a cor, desde o seu entendimento como elemento transcendental e de elevação espiritual³⁰, até ao uso prático da policromia nos mais variados objetos de arte, das iluminuras dos manuscritos a monumentos, como igrejas e túmulos³¹. Por outro lado, existe um fascínio decorrente de ideias relacionadas com ambientes feéricos e maravilhosos, resultado, em grande parte, de projeções

³⁰ Sobre este assunto, ver a obra de pensadores como: Pseudo-Dionísio, o Areopagita (provavelmente de finais do séc. V – inícios do VI) que articula filosofia, arte e mística cristã; já no séc. XII, Suger, abade de Saint-Denis, foi o ideólogo da arquitetura gótica e da arte do vitral como projeção de luz e de cor capaz de refletir conceitos divinos; ou ainda, no séc. XIII, Roberto Grosseteste, fundador da escola franciscana de Oxford, que escreveu um tratado sobre a luz.

³¹ Graças aos meios técnicos atualmente disponíveis, tem sido possível identificar traços da policromia anteriormente existente em alguns monumentos e reproduzi-la, nomeadamente com recurso a projeções de luz, experiências que alteram radicalmente a perceção destes monumentos. A catedral de Amiens foi objeto de um trabalho pioneiro a este nível e que deu origem a um espetáculo de luz e cor que constitui um dos atrativos turísticos desta cidade francesa. Em Portugal encontra-se em curso um projeto de investigação que visa identificar as cores que em tempos terão ornamentado a pedra, atualmente nua, da capela principal do Mosteiro da Batalha - “Policromia monumental: a cor na Capela do Fundador” (IEM).

ficcionais de muitos contos de fadas e da literatura produzida no período, com destaque para a matéria arturiana e para os romances de cavalarias. Esta linha tem sido amplamente divulgada graças à produção mais ou menos intensiva de livros e de filmes de grande sucesso que recorrem ao que consideram ser o imaginário da época, caso dos referentes ao universo arturiano e ao mito do Graal, bem como sagas cinematográficas, como a *Guerra das Estrelas* ou *O Senhor dos Anéis* (baseado na obra de J. R. R. Tolkien), entre outros exemplos possíveis.

A existência destas visões parcelares e extremas sobre a Idade Média pode prejudicar o ensino da História e da Literatura deste período, uma vez que nem sempre é fácil combater ideias feitas amplamente divulgadas e sedimentadas. Nestes casos, uma estratégia possível, a que frequentemente se recorre, consiste em partir do que se sabe que fascina o público estudantil para seguidamente valorizar o que foi a produção efetiva deste período, com destaque, naturalmente, para a matéria arturiana que, à época, também terá constituído o que atualmente se designa como *best-seller* a nível europeu. Menos afortunada será a lírica medieval uma vez que pouco tem de ação ou de aventura. Para além disto, a poesia é frequentemente o reduto de acesso mais difícil na área da Literatura, dado o seu carácter elisivo (que pode criar dificuldades ao nível do entendimento do texto) e introspetivo (que dificulta a separação entre as noções de autor e de sujeito lírico). A estas duas dificuldades, a poesia medieval acrescenta ainda dificuldades linguísticas decorrentes do estado mais arcaico da língua, tanto ao nível das construções sintáticas, como ao do vocabulário, já em desuso. Assim, veicular conhecimentos e gosto pela poesia trovadoresca medieval constitui um desafio acrescido, mas também um campo fértil para alguma experimentação didática, sobretudo se recorrermos aos meios informáticos que temos à disposição e que

podem constituir vias de acesso mais familiares a domínios menos próximos.

Para além do já referido, há que ponderar ainda a grande questão teórica que se coloca a qualquer proposta didática de um texto literário: o que é que o ensino da literatura ensina? Qual é o seu objetivo? Uma resposta já clássica é a de Jacinto do Prado Coelho que, em 1976, escreveu “A literatura não se fez para ensinar: é a reflexão sobre a literatura que nos ensina.”³². Em sentido contrário, existe uma tendência que procura valorizar o estudo de textos de carácter mais utilitário, reduzindo a atenção sobre o texto literário. Sem diminuir a importância pragmática de familiarizar os jovens com formas textuais de utilidade quotidiana e imediata, consideramos que esta prática não pode excluir os níveis mais elevados da produção textual humana, ou seja, a literatura e, neste domínio, mesmo os considerados mais complexos e difíceis. Assim, coincidimos com algumas posições que têm vindo a ser tomadas por diversos académicos portugueses que refletiram e publicaram sobre estas questões³³, refutando o escamotear da análise de algumas obras

³² Coelho, 1976: p. 46. Para uma reflexão breve, mas profunda sobre esta questão, veja-se também o verbete de Ceia, 2009.

³³ Veja-se a seguinte afirmação de José Cardoso Bernardes e Rui Afonso Mateus: “O caminho que aqui advogamos não é o da facilidade. Pelo contrário. Em nossa opinião, o descrédito que hoje atinge o ensino da literatura e o ensino das humanidades em geral deriva do facto de, no passado recente, se terem feito demasiadas concessões e simplificações. Os textos literários distinguem-se de outros por motivos vários, entre os quais se encontra o de serem mais difíceis de ler. Se um texto literário do século XVI, ou mesmo do século XIX, custar tanto a entender como um texto de opinião publicado num jornal de hoje, não vale a pena perder tempo com ele na escola. É necessário ensinar mais a partir dos textos literários. Lendo-os, tentando compreendê-los, falando e escrevendo a partir deles, os alunos devem aperceber-se de que podem descobrir o que não é visível, experimentar sensações que de outro modo não alcançariam, conhecer mundos construídos que alargam horizontes e servem de compensação para a estreiteza de outras realidades. Através da literatura, os alunos (passiva e ativamente) aprendem, enfim, a usar a língua nos seus diferentes matizes e não apenas a servir-se dela como instrumento de comunicação imediata e funcional.” (Bernardes e Mateus, 2013: p. 16-17).

culturalmente importantes, por mero facilitismo, e sublinhando a importância de alargar horizontes, dando a conhecer e valorizando as obras mais importantes da língua e da cultura. É, por isso, conveniente que os jovens contactem o mais cedo possível com o texto literário e, por maioria de razão, com a poesia, a fim de se familiarizarem com este tipo de produção estética, evitando estranhamentos e eventuais fraturas que uma exposição mais tardia à obra de arte poderá potenciar. Além disto, se os estudantes não forem confrontados com uma primeira aproximação ao património literário mais complexo, no qual se inclui a produção lírica medieval, só poderão ter acesso a estes domínios mais tarde, em contexto universitário, e só no caso de terem escolhido esta via de formação. Caso contrário, fica um vazio, uma lacuna grave de conhecimento.

Paralelamente, outra linha fundamental de preparação dos estudantes, desde os primeiros anos de escolaridade, consiste no estímulo à leitura, missão para a qual a boa dinamização das bibliotecas escolares tem um papel fundamental, aprofundando a curiosidade, ajudando os jovens leitores a reagir quando interpelados pelos textos literários e introduzindo-os nos caminhos do apreço e da fruição da obra de arte escrita. São atualmente muitas as publicações que apontam e escarpelizam as vantagens decorrentes da leitura e do estímulo à sua prática³⁴. A esta frutuosa linha crescem estudos de carácter mais prático que fornecem ideias relativamente aos modos como os serviços prestados por

Veja-se também: Reis, 1992; Ceia, 1999; bem como os artigos de Silva, 1998-1999 e de Buescu, 2011.

³⁴ Sobre este tema, ver: Calvino, 1993; Manguel, 1998; Bloom, 2001; Steiner, 2007...

bibliotecas, em especial bibliotecas escolares, podem integrar e potenciar esta dinâmica³⁵.

A proposta que agora se apresenta assenta nos pressupostos que acabamos de referir, dirigindo-se a um público alargado de jovens / jovens adultos / adultos, sendo suscetível de adaptações (sensatas) consoante o nível etário e de maturidade predominante nas situações concretas de ensino-aprendizagem com públicos específicos. Também será valorizado o contexto educacional a distância, em regime de *e-learning*, uma vez que se trata de um domínio em franca expansão, mas ainda carente de propostas concretas de didatizações direcionadas para matérias científicas mais específicas. Subjacente a esta proposta está um modelo de ensino concreto, o Modelo Pedagógico Virtual teorizado e praticado na Universidade Aberta de Portugal, e respetivas atualizações³⁶.

O conjunto de poemas propostos para análise e estudo

Existem diversas edições muito boas da lírica trovadoresca medieval, inclusivamente edições monumentais e fac-similadas³⁷.

³⁵ Para o aprofundamento desta linha, remetemos para as propostas publicadas no quadro da Rede de Bibliotecas Escolares e disponíveis *online* em: <http://www.rbe.mec.pt/np4/394.html> [consultado em abril de 2019].

³⁶ Pereira *et al.*, 2007 e Mendes *et al.*, 2018.

³⁷ A edição em papel mais completa e mais recente da produção trovadoresca é: *Lírica Profana Galego-Portuguesa...*, 1996. Existem, também, várias outras edições, seja de cancioneiros concretos, seja de conjuntos de poesias de géneros textuais específicos, nomeadamente: *Cancioneiro da Ajuda*, 1990; *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, 1982; *Cancioneiro Português da Biblioteca Vaticana*, 1973; Afonso X, *Cantigas de Santa Maria*, [1959] 1997; *Cantigas de amor...*, 1972; *Cantigas de amigo...*, 1973; *500 cantigas d'amigo*, 2003; *Cantigas d'escarnho e de mal dizer...*, 1995; *Cantigas de escárnio e maldizer...*, 2002; sem esquecer a produção teórica coeva: *Arte de trovar ...*, 1999.

Também existem algumas edições disponíveis na Internet³⁸, sendo estas as que mais facilmente se adequam ao ensino *online*, dada a sua facilidade de acesso. De entre estas, a que consideramos que pode ter uma utilidade mais ampla em situação de ensino-aprendizagem (questão a que voltaremos no ponto seguinte) é a base de dados disponibilizada pela FCSH-NOVA, “Cantigas Medievais Galego-Portuguesas” (Projeto Littera, com coordenação científica de Graça Videira Lopes, Manuel Pedro Ferreira e Nuno Júdice).

De entre a produção trovadoresca medieval, múltiplos conjuntos de textos podem ser identificados e agregados por inúmeras razões. Para o presente caso, o *corpus* textual cujo estudo e análise propomos consiste num conjunto de seis poemas de D. Dinis que retratam outros tantos tipos humanos, identificáveis em situações sociais (cantiga nº 1), e de relação amorosa (Cantigas nº 2 a 6). Sendo intemporal o fio condutor que une estas composições, a distância relativamente ao leitor é reduzida, o que poderá funcionar como um elemento de atração a explorar. Por outro lado, verifica-se diversidade suficiente para permitir a exploração de um conjunto de linhas de análise bastante lato.

Cantiga nº 1 – crítica satírica a um maçador que promete ir-se embora, para deixar o seu interlocutor ir dormir, mas não o faz...

³⁸ Nomeadamente as disponibilizadas pela Universidade de Oxford (*Cantigas de Santa María Database*, dedicada às cantigas marianas de Afonso X); pelo Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades (Base de dados da Lírica Profana Galego-Portuguesa - acesso mediante inscrição); e pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Projeto Littera - Cantigas Medievais Galego-Portuguesas).

U noutro dia seve Dom Foam
 a mi começou gram noj'a crecer
 de muitas cousas que lh'oi dizer.
 Diss'el: "-Ir-m'-ei, ca ja se deitar ham".
 E dix'eu: "- Bõa ventura hajades, 5
 porque vos ides e me leixades".

E muit'enfadado de seu parlar
 sevi gram peça, se mi valha Deus,
 e tosqiavam estes olhos meus.
 E quand'el disse: "-Ir-me quer'eu deitar", 10
 [lh]e dix'eu: "-Bõa ventura hajades,
 porque vos ides e me leixades."

El seve muit'e diss'e parfiou,
 e a mim creceu gram nojo por en
 e nom soub'el se x'era mal se bem. 15
 E quand'el disse: "-Ja m'eu deitar vou",
 dixi-lh'eu: "- Bõa ventura hajades,
 porque vos ides e me leixades".

D. Dinis (B.1539) – disponível em:
<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1572&pv=sim>

Cantiga nº 2 – Discurso de uma “estratega” que procura gerir a situação amorosa e o interesse do apaixonado por ela:

O meu amig', amiga, nom quer' eu
que haja gram pesar nem gram prazer,
e quer' eu este preit'assi trager,
ca m' atrevo tanto no feito seu:
non'ó quero guarir nen'ó matar, 5
nen'ó quero de mi desasperar.

Ca se lh' eu amor mostrasse, bem sei
que lhi seria end'atam gram bem
que lh'haveriam d'entender por en
qual bem mi quer; e por end'esto farei: 10
non'ó quero guarir nen'ó matar,
nen'ó quero de mi desasperar.

E, se lhi mostrass'algum desamor,
nom se podia guardar de morte,
tant'haveria em coita forte 15
mais, por eu nom errar end'ó melhor,
non'ó quero guarir nen'ó matar,
nen'ó quero de mi desasperar.

E assi se pode seu tempo passar,
quando com prazer, quando com pesar. 20

D. Dinis (B. 559, V. 162) – disponível em:
<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=583&pv=sim>

Cantiga nº 3 – em contraposição com a cantiga anterior, temos a expressão de uma jovem que se engana a si mesma, procurando desculpar o amigo que a magoou e acreditando que ainda tem poder sobre ele...

Pesar mi fez meu amigo,
amiga, mais sei eu que nom
cuidou el no seu coração
de mi pesar, ca vos digo
 que ant’el querria morrer 5
 ca mi sol um pesar fazer.

Nom cuidou que mi pesasse
do que fez, ca sei eu mui bem
que do que foi nom fora rem;
por en sei, se en cuidasse, 10
 que ant’el querria morrer
 c’a mi sol um pesar fazer.

Feze-o por encoberta,
ca sei que se fora matar
ante ca mi fazer pesar, 15
e por esto são certa
 que ant’el querria morrer
 ca mi sol um pesar fazer.

Ca, de morrer ou de viver,
sab’el ca x’é no meu poder. 20

D. Dinis (B. 563, V. 166) – disponível em:
<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=587&pv=sim>

Cantiga nº 4 – retrato de uma “convencida” que se considera superior e senhora da situação amorosa, não hesitando em rebaixar o seu apaixonado:

De morrerdes por mi gram dereit'é,
amigo, ca tanto paresc'eu bem
que desto mal grad'hajades vós en
e Deus bom grado, ca, per bõa fé,
 nom é sem guisa de por mi morrer 5
 quem mui bem vir este meu parecer.

De morrerdes por mi nom vos dev'eu
bom grado poer, ca esto fará quem quer
que bem cousir parecer de molher;
e, pois mi Deus este parecer deu, 10
 nom é sem guisa de por mi morrer
 quem mui bem vir este meu parecer.

De vos por mi Amor assi matar,
nunca vos desto bom grado darei
e, meu amigo, mais vos en direi: 15
pois me Deus quis este parecer dar,
 nom é sem guisa de por mi morrer
 quem mui bem vir este meu parecer.

que mi Deus deu, e podedes creer
que nom hei rem que vos i agradecer. 20

D. Dinis (B. 591, V. 194) – disponível em:
<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=615&pv=sim>

Cantiga nº 5 – situação em que o apaixonado joga, conseguindo conversar com a sua amada, que pensa que ele está apaixonado por outra:

Nostro Senhor, hajades bom grado
por quanto m'hoje mia senhor falou;
e tod'esto foi porque se cuidou
que andava doutra namorado;
ca sei eu bem que mi nom falara, , 5
se de qual bem lh'eu quero cuidara.

Porque mi falou hoj'este dia,
hajades bom grado, Nostro Senhor;
e tod'esto foi porque mia senhor
cuidou que eu por outra morria; 10
ca sei eu bem que mi nom falara,
se de qual bem lh'eu quero cuidara.

Porque m'hoje falou, haja Deus
bom grado, mais desto nom fora rem
senom porque mia senhor cuidou bem 15
que doutra eram os desejos meus;
ca sei eu bem que mi nom falara,
se de qual bem lh'eu quero cuidara.

Ca tal é que ante se matara
ca mi falar, se o sol cuidara. 20

D. Dinis (B. 522, V. 105) – disponível em:
<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=526&pv=sim>

Cantiga nº 6 – finalmente, mais um jogo amoroso, desta feita, protagonizado por uma intriguista que procura envenenar a relação amorosa de uma sua “amiga”:

O voss'amig', ai amiga,
de que vos muito fiades,
tanto quer'eu que sabiades:
que ãa, que Deus maldiga,
vo-lo tem louc'e tolheito, 5
e moir'end'eu com despeito.

Nom hei rem que vos asconda
nem vos será encoberto,
mais sabede bem por certo
que ãa, que Deus cofonda, 10
vo-lo ten louc'e tolheito,
e moir'end'eu com despeito.

Nom sei molher que se pague
de lh'outras o seu amigo
filhar, e por en vos digo 15
que ãa, que Deus estrague,
vo-lo tem louc'e tolheito,
e moir'end'eu com despeito.

E faço mui gram dereito,
pois quero vosso proveito. 20

D. Dinis (B. 594, V. 197) – disponível em:
<https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=618&pv=sim>

1º nível de trabalho: identificar possíveis problemas ou bloqueios e encontrar soluções

O primeiro nível de trabalho a realizar com este tipo de poesia consiste na descodificação dos textos com vista à sua compreensão, não só a nível linguístico, mas também no que se refere ao seu aspeto formal e conceptual. Podendo estes conteúdos perfilar-se como potenciais sessões expositivas intragáveis até para quem as profere, alguma imaginação pode transformar estes “dragões” em momentos de aprendizagem salutar.

Voltamos aqui às razões que nos levaram a optar pela edição das Cantigas disponibilizada pela FCSH-NOVA, no quadro do Projeto Littera, e que consistem nos apoios que esta base de dados integra. Com efeito, a edição dos diferentes poemas é pontuada por janelas com anotações de vária ordem: explicativas, de leitura, marginais, toponímicas, antroponímicas e lexicais (Glossário). Assim, a linguagem mais arcaizante da lírica medieval torna-se um problema ultrapassável, de forma relativamente fácil, permitindo a compreensão de termos e expressões menos evidentes (como, por exemplo, *Fuão*, no poema nº 1, como forma arcaica de “fulano”). Este trabalho de descodificação pode constituir um percurso de descoberta que desperte ou acentue o gosto pela História da Língua, e estimule a sensibilidade para a descodificação etimológica das palavras e respetiva amplitude e evolução semânticas. Acresce que no final de cada poema é disponibilizada uma “Nota geral” que resume o teor da cantiga, permitindo desfazer eventuais dúvidas que possam subsistir relativamente à leitura do texto. Deste modo, o recurso a materiais disponíveis *online* revela-se como uma solução, não só viável, mas também desejável, dada a sua facilidade de acesso, o seu carácter gratuito, e as informações complementares que faculta.

Para além do já referido, cada poema é qualificado a nível formal, em articulação com uma página onde vários termos da terminologia da poética trovadoresca são sinteticamente explicados, o que pode constituir pretexto para a identificação de algumas características formais menos estudadas e um estímulo para a pesquisa de eventuais elementos em falta³⁹. Sendo os poemas propostos de tipos diversificados, tal permitirá explorar e consolidar múltiplas noções como a da diferenciação entre autor e sujeito lírico (caso das cantigas de amigo, nas quais a expressão é assumida por sujeitos femininos), ou como os níveis da sátira (o que está na base da diferenciação entre poemas de escárnio e de maldizer). Com efeito, e uma vez que a poesia trovadoresca se diferencia bastante da produção pós-renascentista, cujas regras são as que perduraram no ensino, será importante identificar traços mais específicos como, por exemplo, a valorização melódica e rimática que ocorre entre estrofes, em detrimento da rima entre os versos que se encontram numa mesma estrofe⁴⁰. A remissão para o texto normativo coevo da *Arte de Trovar* (também disponibilizado na mesma base de dados) permite a consideração, em paralelo, de descrições ou definições da época e de especificações posteriores. Igualmente fundamental é a identificação das grandes linhas temáticas deste tipo de poesia⁴¹, bem como notar as

³⁹ Sugere-se o recurso a enciclopédias e dicionários, preferencialmente específicos (como: Tavani e Lanciani (org.), 1993), sem excluir a pesquisa na Internet (uma possibilidade será o *E-Dicionário de Termos Literários*, de Carlos Ceia).

⁴⁰ Com efeito, na poesia trovadoresca, as repetições rimáticas que se verificam entre as estrofes caracterizam o poema formalmente: coblas ou cobras singulares, doblas ou uníssonas, na sequência da influência da *cansó* provençal. Outras particularidades não são menos importantes, como o paralelismo, o leixa-pren, o dobre, o mozdobre... muitas associadas ao fundo tradicional autóctone.

⁴¹ Veja-se a nomenclatura específica que divide a poesia trovadoresca, primeiro em dois (religiosas ou profanas) e depois em três grandes grupos (cantigas de amor, de amigo e de escárnio e maldizer), sem esquecer outras designações como tenção, alba, serena, marinha, lais, pranto, pastorela, ballia...

evoluções e continuidades que se verificaram ao longo do tempo⁴². Mediante algum trabalho de planificação e de organização, as singularidades formais da lírica medieval podem ser abordadas, “em modo de jogo”, como sugerido por um dos primeiros pedagogos da nossa história⁴³. Para tal, será de considerar o recurso a meios informáticos mais lúdicos, de complexidade variável, consoante a idade e maturidade dos estudantes em causa. É o caso dos exercícios realizáveis no software educacional *Hot Potatoes*, ou, de forma mais elaborada, a construção de um Glossário, com base na ferramenta disponível em *softwares* educacionais mais complexos, como a plataforma de ensino *Moodle*, correntemente usada em contexto universitário. Este tipo de Glossário é construído de forma colaborativa⁴⁴, graças aos contributos dos diversos estudantes, incentivados a realizar pesquisa a fim de identificar termos específicos, neste caso, da nomenclatura característica da lírica trovadoresca galego-portuguesa, e respetivas definições ou explicações. É

⁴² Será importante estabelecer diferenças e continuidades relativamente à poesia cancioneril mais tardia, como a existente no *Cancioneiro geral*, coligido por Garcia de Resende (1470-1536), momento em que surgem algumas formas novas, como o vilancete, a esparsa ou as trovas, contemporâneas das primeiras manifestações poéticas do Renascimento, nomeadamente do soneto, forma que marcará indelevelmente a produção poética posterior.

⁴³ Fazendo coincidir uma referência com a indicação de um repositório importantíssimo para o estudo da literatura mais antiga, veja-se a digitalização disponibilizada pela Biblioteca Nacional de Portugal da obra de Barros, 1540.

⁴⁴ Veja-se o *Modelo Pedagógico Virtual* da Universidade Aberta de Portugal, e respetivas atualizações, já referidos, que pressupõem estudantes ativos, capazes de construir os seus próprios conhecimentos e aptos a trabalhar, tanto de forma autónoma como colaborativa (p. 10-11). Recorde-se ainda a teoria das situações didáticas, formulada por Guy Brousseau (2009), a partir da epistemologia genética de Jean Piaget, que preconiza o incentivo ao trabalho de pesquisa como forma de estimular os estudantes a criar os seus próprios conhecimentos, funcionando o professor como um mediador | observador | facilitador das aprendizagens.

igualmente viável trabalhar conceitos como as noções de Amigo, Senhor, coita, entre outros possíveis e que ocorrem nos poemas em estudo.

Uma vez compreendidos os poemas, será possível explorar os elementos intemporais que veiculam, nomeadamente no que respeita à condição e às relações humanas, aos seus sentimentos e jogos de poder e de sedução, brilhantemente representados nos perfis desenhados pelo rei-poeta D. Dinis. Este patamar de identidade pode constituir igualmente o ponto de partida para, em seguida, se explorar o que estas composições também apresentam de diferente relativamente à atualidade, o que nos conduz a um segundo patamar de trabalho, que remeterá para a promoção da reflexão sobre o fenómeno literário enquanto expressão integrada em contextos históricos, geográficos, culturais e artísticos específicos.

2º nível de trabalho: o alargar de horizontes. Algumas propostas de exploração.

Para o segundo patamar de trabalho que aqui preconizamos, quando em ambiente de ensino *online*, a ferramenta que se afigura mais adequada é o fórum de debate, que permite que todos os estudantes, de forma assíncrona, e independentemente do local em que se situem, possam contribuir para a construção comum do saber, mediante a supervisão do docente responsável (que gere as linhas do debate e, se necessário, lança os temas que considerar mais pertinentes). Recordando uma coleção de propostas didáticas que há alguns anos teve um sucesso considerável⁴⁵, apresentamos a seguir algumas “linhas de leitura”

⁴⁵ Trata-se da coleção “Textos Literários”, dirigida e coordenada por Maria Alzira Seixo, e que floresceu nos anos 80 do séc. XX. Estes livros consistiam na edição de uma antologia

possíveis para a exploração aprofundada e multidisciplinar deste conjunto de textos literários.

1. Uma primeira sugestão parte das informações disponibilizadas na base de dados das “Cantigas Medievais Galego-Portuguesas” do Projeto Littera: as imagens dos manuscritos onde cada cantiga se encontra registada e que pode constituir uma base importante para uma conversação sobre a materialidade da escrita no período medieval, possibilidades de decifração de manuscritos, sem esquecer a noção de variante textual que pode ser articulada com eventuais conhecimentos de literatura tradicional.

2. Uma segunda possibilidade também decorre de uma informação disponibilizada na mesma base de dados: as versões musicadas, distinguindo-se “originais” de “contrafactum” e ainda de recriações modernas. Neste contexto, seria desejável estimular a pesquisa relativamente   música medieval, com destaque para a revolução melódica e rítmica que ocorreu no séc. XIV com a sobreposição de vozes na polifonia da denominada *ars nova*, relativamente ao anterior cantochão ou canto gregoriano (*ars antiqua*), sendo as diferenç as facilmente perceptíveis mediante a audição de exemplos dos dois estilos musicais. Ainda neste ponto, seria de salientar as qualidades rítmicas dos refr es dos poemas em análise, o que leva a que sejam muito facilmente memorizáveis. Um debate sobre estas questões desembocará, por certo, na consideração da necessidade de bem compreender um texto para o poder ler

de textos, a que se somavam comentários e linhas de leitura. O volume dedicado   lírica medieval foi o seguinte: Gonç lves e Ramos, 1985.

convenientemente em voz alta e na apreciação da estética do ritmo e da palavra (falada ou cantada), em articulação com a força vital da respiração.

3. Uma ligação com a imagem pode ser estabelecida a partir da análise das iluminuras existentes nos manuscritos das cantigas. Esta informação encontra-se na base de dados das “Cantigas Medievais Galego-Portuguesas”, mas a pesquisa dos estudantes neste domínio deverá ir mais além, uma vez que se encontram, disponíveis na Internet, muitas outras iluminuras de cancioneros medievais, com destaque para as dos dois manuscritos iluminados das *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, pertencentes à Biblioteca de El Escorial, um onde as imagens reproduzem (nem sempre em total sintonia) os milagres narrados na poesia, em conjuntos de seis quadros semelhantes a banda desenhada, e outro que ostenta um extenso conjunto de imagens relacionadas com o espetáculo trovadoresco. Em especial estas últimas imagens foram de grande importância para a pesquisa levada a cabo por musicólogos com vista à construção de réplicas dos instrumentos medievais, atualmente em uso por alguns grupos musicais.

4. As iluminuras que ornaram os códices permitem ainda uma aproximação às atividades quotidianas e festivas da época. Algumas iluminuras mostram o modo como as pessoas se vestiam ou o tipo de casas onde viviam. Outras incluem cristãos, mouros e judeus tocando em conjunto, o que pode dar origem a uma reflexão sobre o carácter multiétnico de algumas sociedades medievais. Estes vários elementos possibilitam a articulação com a área científica da História, o que pode ser aprofundado mediante a pesquisa dos estudantes, em bibliotecas ou *online*, sem desvalorizar o auxílio de alguns dos múltiplos recursos existentes, seja em espaços de grande divulgação, como o *youtube*, onde,

mediante verificação, é possível encontrar materiais cientificamente válidos, seja em repositórios institucionais, validados pela natureza da instituição, e onde é possível encontrar documentos, em diferentes suportes⁴⁶.

5. O elemento geográfico e a arquitetura poderão ser igualmente convocados, sendo esta linha exemplificável graças a dois projetos atualmente em desenvolvimento na Universidade de Santiago de Compostela. O projeto *Roteiro Virtual da Lírica Galego-Portuguesa*, desenvolvido por Yara Frateschi Vieira (Universidade Estadual de Campinas), María Isabel Morán Cabanas, José António Souto Cabo e com o apoio de Janaína Marques Ferreira Rocha (Universidade de Santiago de Compostela) visa promover atividades didático-turísticas articulando poesia e geografia na paisagem da sua produção sempre que esta se relacionou com a cidade de Santiago de Compostela. O projeto *Cultura trobadoresca-Cistercium experientia (LÍRICA)*, Piloto I do macroprojeto *GEOARPAD - Patrimonio cultural da Eurorrexión Galicia-Norte de Portugal: Valoración e Innovación*, no qual têm vindo a trabalhar Mariña Arbor Aldea

⁴⁶ Os repositórios institucionais configuram-se como espaços de grande importância para o ensino-aprendizagem, de visita obrigatória para professores e estudantes, uma vez que é possível encontrar aí documentação de outro modo dificilmente acessível, caso de dissertações e teses, ou produção científica publicada em volumes de circulação limitada ou mais antiga, como o artigo de Osório, 1993 – disponível no repositório da Universidade do Porto -> <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/20003>. Para um exemplo de um recurso em formato vídeo, veja-se o programa da série “Entre Nós” nº 1218, dedicado a D. Dinis e emitido a 30 de janeiro de 2007, atualmente no Repositório da Universidade Aberta: <http://hdl.handle.net/10400.2/8095> ou, para outro exemplo, agora do arquivo da RTP, veja-se o programa de Natália Correia sobre os trovadores (disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-poesia-dos-trovadores/>) e que poderá dar origem a uma profícua conversa sobre esta autora e a sua relação com a poesia galego-portuguesa mais antiga.

e Carmen de Santiago Gómez, ambas da Universidade de Santiago de Compostela, visa identificar o protagonismo que algumas famílias nobres e abadias cistercienses, radicadas na Galiza e no norte de Portugal, tiveram na criação e promoção de textos líricos galego-portugueses⁴⁷.

6. “last, but not least”, os contextos literário e ideológico podem ser debatidos graças a um retorno aos textos tendo em conta, por exemplo, os traços cortesões que aí se manifestam, o que permitirá o estabelecimento de relações com outros tipos de literatura da época, como os romances de cavalaria, e com a respetiva influência na mentalidade medieval.

Recordando os pressupostos referidos no início da presente proposta, assume-se que o estabelecimento de pontes com disciplinas e artes diversas permitirá um melhor entendimento da complexidade dos textos literários que, tanto veiculam aspetos intemporais (porque inerentes ao ser humano), como também são produto de uma época específica e idiossincrática que simultaneamente espelham e ajudam a formar, ainda com a vantagem de o fazerem de modo esteticamente feliz. Assim, o desenvolvimento da capacidade para pensar o texto literário, enquanto caleidoscópio, constitui-se também como exercício de capacidades cognitivas amplas, que permitem pensar conceitos e ideias de forma complexa, articulando lógica e estética, o que contribui necessariamente para a formação de cidadãos mais aptos para enfrentar os desafios da contemporaneidade.

⁴⁷ Estes dois projetos são apresentados em Vieira, Morán Cabanas e Rocha, 2020 e Arbor Aldea e Santiago Gómez, 2020.

Referências

500 cantigas d'amigo (2003). (ed. Rip Cohen, trad. Isabel Rodrigues) Porto: Campo das Letras.

Afonso X, o Sábio ([1959] reimp. 1997). *Cantigas de Santa Maria*. (ed. Walter Mettmann) Coimbra: Universidade (4 vols).

Arbor Aldea, Mariña e Santiago Gómez, Carmen de (2020). “LÍRICA ou como (re)visitar a Idade Media: Poesía, Historia e Arte como experiencias turísticas”. In Isabel Barros Dias; Margarida Santos Alpalhão e Margarida Esperança Pina (eds.). *O Medievalismo no século XXI*. Berlin: Peter Lang, p. 175-195.

Arte de trovar do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa (1999). (introd., ed. crítica e fac-símile Giuseppe Tavani) Lisboa: Colibri.

Barros, João de (1540). *Dialogos de preceitos Moraes co[m] prática deles, em modo de iogo*. Lisboa: per Luis Rodriguez, livreiro delrey nosso senhor - <http://purl.pt/12149> [Consultado em abril de 2019].

Base de dados da Lírica Profana Galego-Portuguesa (s/d). Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades - <http://www.cirp.es/pls/bdo2/f?p=MEDDB2> [Consultado em abril de 2019].

Bernardes, José Cardoso e Mateus, Rui Afonso (2013). *Literatura e Ensino do Português*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Bloom, Harold (2001). *Como ler e Porquê*. Lisboa: Caminho.

Brousseau, Guy (2009). *Introdução ao estudo das situações didáticas. Conteúdos e métodos de ensino*. São Paulo: Ática.

Buescu, Helena Carvalhão (2011). “Literatura, cânone e ensino”. In *Revista de Estudos Literários*. 1, p. 59-83.

Calvino, Ítalo (1993). *Porquê ler os clássicos?*. Lisboa: Teorema.

Cancioneiro da Ajuda (1990). (ed. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, pref. de Ivo Castro) Lisboa: IN-CM (2 vols).

Cancioneiro da Biblioteca Nacional (1982). (pref. João Palma-Ferreira, apresentação Luís F. Lindley Cintra) Lisboa: Biblioteca Nacional / IN-CM.

Cancioneiro Português da Biblioteca Vaticana (cód. 4803) (1973). ([colab.] José Gomes Branco, introd. Luís F. Lindley Cintra) Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

Cantigas d'escarnho e de mal dizer: dos cancioneiros medievais galego-portugueses (1995). (edição crítica e vocabulário M. Rodrigues Lapa) Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Cantigas de amigo dos trovadores galego-portugueses (1973). (compil. José Joaquim Nunes) Lisboa: Centro do Livro Brasileiro (3 vols.).

Cantigas de amor dos trovadores galego-portugueses (1972). (compil. José Joaquim Nunes) Lisboa: Centro do Livro Brasileiro.

Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses (2002). (ed. Graça Videira Lopes) Lisboa: Estampa.

Cantigas de Santa María Database (s/d). Universidade de Oxford - <http://csm.mml.ox.ac.uk>, [Consultado em abril de 2019].

Cantigas Medievais Galego-Portuguesas (2011-). Projeto Littera (ed. Graça Videira Lopes, Manuel Pedro Ferreira *et al.*) Lisboa: NOVA-FCSH - IEM - <http://cantigas.fcsch.unl.pt> [Consultado em abril de 2019].

Ceia, Carlos (2009). “Didáctica da Literatura”. In *E-Dicionário de Termos Literários*. - <http://edtl.fcsch.unl.pt/encyclopedia/didactica-da-literatura/> [consultado em abril de 2019].

Ceia, Carlos (1999). *A literatura ensina-se?*. Lisboa: Colibri, 1999.

Ceia, Carlos (s/d). *E-Dicionário de Termos Literários*. - <https://edtl.fcsch.unl.pt> [Consultado em abril de 2019].

Coelho, Jacinto do Prado (1976). “Como Ensinar Literatura”. In *Ao Contrário de Penélope*. Lisboa: Bertrand, p. 45-71.

Gonçalves, Elsa e Ramos, Maria Ana (1985). *A Lírica Galego-portuguesa*. Lisboa: Comunicação.

Lírica Profana Galego-Portuguesa: corpus completo das cantigas medievais (1996). (coord. Mercedes Brea) Santiago de Compostela: Xunta de Galicia

/ Centro de Investigações Lingüísticas e Literárias Ramón Piñeiro (2 vols.).

Manguel, Alberto (1998). *Uma história da leitura*. Lisboa: Presença.

Mendes, António Quintas; Bastos, Glória; Amante, Lúcia; Aires, Luísa Lebres e Cardoso, Teresa (2018). *Modelo Pedagógico Virtual | Cenários de Desenvolvimento*. Lisboa: Universidade Aberta – https://portal.uab.pt/wp-content/uploads/2019/03/MPV_01.pdf [consultado em abril de 2019].

Osório, Jorge A. (1993). “D. Dinis: o Rei, a Língua e o Reino”. *Máthesis*, 2, p. 17-36

Pereira, Alda; Mendes, António Quintas; Morgado, Lina; Amante, Lúcia e Bidarra, José (2007). *Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Aberta. Para uma Universidade do Futuro*. Lisboa: Universidade Aberta – <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1295/1/Modelo%20Pedagogico%20Virtual.pdf> [consultado em abril de 2019].

Reis, Carlos (1992). “Didáctica da Literatura”. In Adragão, José Victor e Reis, Carlos. *Didáctica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, p.113-157.

Silva, Vítor Aguiar e (1998-1999). “Dez teses sobre o ensino do texto literário na aula de Português”. In *Diacrítica*, 13-14, p. 23-31.

Steiner, George (2007). *O silêncio dos livros*. Lisboa: Gradiva.

Tavani, Guiseppe e Lanciani, Julia (org.) (1993). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Vieira, Yara Frateschi; Morán Cabanas, Maria Isabel e Rocha, Janaína Marques Ferreira (2020). “Roteiro virtual da lírica galego-portuguesa”. In Isabel Barros Dias; Margarida Santos Alpalhão e Margarida Esperança Pina (eds.) *O Medievalismo no século XXI*. Berlin: Peter Lang, p. 169-174.